



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13423 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT13 - Educação Fundamental

PESQUISA FORMATIVA NO PÓS-PANDEMIA: ANÁLISE EM UM LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS

Elí Terezinha Henn Fabris - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
 Sabrina Borges de Mello Hetti Bahia - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PESQUISA FORMATIVA NO PÓS-PANDEMIA: ANÁLISE EM UM LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS

Contemplando o período de retorno às aulas presenciais pós-pandemia, o foco deste texto é analisar como professores inseridos em um laboratório assumem a formação como (de)formação e vivem uma experiência coformativa. O questionamento orientador foi: *como os professores se posicionam frente à formação como (de)formação em uma experiência coformativa em laboratório?* Estudos sobre formação de professores, formação continuada e docências contemporâneas foram importantes para a análise dos materiais, produzidos via questionários *on-line* (Google Forms) e encontros do laboratório (Plataforma Teams), que foram transcritos e tabelados, sendo então selecionados e analisados a partir de uma perspectiva não metafísica. Os conceitos operados permitiram-nos problematizar o que tais professores consideram nessa concepção de formação e como se posicionam frente aos processos formativos experimentados nesse espaço de pesquisa formação. É possível concluir, preliminarmente, que há uma mudança nas formas de ser e assumir-se docente. Em síntese, pensar juntos suas práticas em processo de coformação contribuiu para que cada professor pudesse (re)pensar-se, transformar-se e produzir sentidos para sua docência, embora ainda muito vinculados a uma ideia de formação passiva. Esperamos que essa experiência possa reverberar em suas escolas e favorecer a mudança na cultura formativa e de autoria docente.

Palavras-chave: Pesquisa formação. Pós-pandemia. Laboratório. Formação continuada. Coformação

Neste texto, pretendemos mostrar como uma pesquisa formativa é desenvolvida em laboratório em uma rede municipal de ensino no sul do Brasil. Os dados das escolas no pós-pandemia acompanham o cenário nacional, potencializado por desigualdades sociais, com muitos alunos apresentando agravamento de problemas emocionais, relacionais e de conhecimento escolar. Atribuimos essa situação, em grande parte, à falta de ensino presencial nos dois anos em que crianças e jovens não tiveram acompanhamento, auxílio e ensino dos professores. Contudo, não podemos creditar a crise educacional apenas à pandemia, pois a escola já dava sinais de não atender aos anseios da sociedade e seus públicos; o que aconteceu foi o agravamento, em todos os níveis, do que já não estava bem. As narrativas dos professores participantes do laboratório em 2021/1 mostram que alguns pretendiam retornar à condição de antes da pandemia, em uma espécie de “saudosismo pedagógico”; outros desejavam mudar, mas não viam possibilidades diante dos desafios da escola e da situação dos alunos no pós-pandemia. O objetivo deste trabalho é mostrar algumas práticas da pesquisa formativa, evidenciando uma posição política, de luta pela qualidade do ensino na escola pública e pela profissão docente, ao buscar que os professores, na formação continuada, assumam sua autoria docente. A pergunta que nos desafia é: *como os professores se posicionam frente à formação como (de)formação em uma experiência coformativa em laboratório?* A pesquisa, aprovada pelo CNPq e iniciada em 2021, deriva de resultados de estudo anterior, em que os professores iniciantes da rede se posicionaram quanto à modalidade de formação continuada da qual gostariam de participar. Os professores iniciantes solicitavam uma formação não mais somente entre universidade e escola, mas entre o colegiado de professores de cada escola, as instituições de ensino superior e outras instâncias formativas, em uma experiência coformativa. A pesquisa atual foi elaborada pensando-se em uma formação que contemplasse os resultados da pesquisa anterior, as produções do grupo de pesquisa e também outros estudos da revisão de literatura, destacando-se: a) Necessidade de repensar a formação continuada (IMBERNÓN, 2009); b) Formação continuada dentro das escolas (NÓVOA 1991); c) Formação em serviço (GARCÍA, 1999). Esses estudos aliam-se a uma tendência internacional sobre formação, que não é apenas “em serviço”, fomentando a relação universidade e escola e tomando todos os participantes como pesquisadores, em âmbitos diferentes, mas com função formativa: pesquisadores da escola e da universidade. Entendemos a experiência sempre como relacional, desenvolvida com uma atitude encarnada e autoral do professor no contexto dos espaços educativos; assim, politicamente, enfrentamos a onda dos apostilamentos e de cópia de exercícios e práticas da internet, para apostar na autoria docente. No final do processo, será possível criar uma “caixa de ferramentas” coletiva, que poderá ser recriada em diferentes contextos e situações, constituindo sempre novas experiências. A pesquisa, aprovada no Comitê de Ética, teve parte dos materiais produzida por meio de questionário, formulado na plataforma Google Forms, com 31 questões. Obtivemos 109 respostas, de diferentes etapas da educação básica (Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental). Outra forma de produção de material foram sete encontros por grupos, organizados em duas horas síncronas e uma hora assíncrona, em um total de 21 horas. Também foram considerados o trabalho de criação e experiência nas escolas e registros no Moodle, com total de 19 horas. Ao todo, foram 40

horas, com certificação. Para pensar a formação continuada dos professores, organizamos alguns resultados preliminares, considerando que a pesquisa ocorreu logo no retorno às aulas presenciais. A análise deixou nítida uma cultura formativa ainda arraigada em uma tradição de formação passiva, tema desenvolvido por uma de nós em tese de doutorado. As narrativas dos professores mostram sua dificuldade em sistematizar seus saberes a partir das teorizações e a expectativa de que os professores universitários lhes tragam respostas. Pode-se ver, nos excertos selecionados sobre formação, o que professores e representantes da Secretaria de Educação (SMED) apontam: “[...] *a gente percebia muito isso na escola, assim, um conhecimento que é muito intuitivo, mas tu vais perguntar ‘por que tu fazes dessa forma?’* *Aí, eles não conseguem explicar, mas fazem muito bem-feito, acreditam naquilo que fazem, mas não entendem o que fazem na verdade. [...] Essas fórmulas aí que vêm sendo vendidas, planos de aula, tantos planos de aula prontos. [...]*” (Representante da SMED). “[...] *Pode até ser uma visão um pouco negativa, mas, enfim, é a visão que eu tenho. [...] tem alguns colegas que acham que a gente tem uma receita, parece que eles querem uma receita, uma coisa prática. [...]*” (Representante da SMED). “[...] *Uma questão também dos professores de não participar, que eu também não sei se não é aquela questão que vai desacomodar. Vai tirar da zona de conforto e, em função da pandemia, desse trabalho remoto, acho que muita gente ficou mais ainda, assim, vamos dizer, no seu casulo. [...], a gente percebe uma falta de adesão, sabe?*” (PAFEF21). Esses dados demonstram a grande dificuldade de contar com o aceite dos professores para outra cultura formativa, que os convoque ao contínuo questionamento e discussão coletiva de suas práticas pedagógicas. Analisando as narrativas acima, pode-se perceber que, por meio das experimentações no laboratório, os professores conseguem olhar para suas práticas e repensá-las, especialmente porque trabalhamos com uma concepção de formação como (de)formação, utilizando as ferramentas da crítica em um exercício permanente. Porém, para que isso aconteça, é preciso que os pesquisadores da universidade assumam o mesmo processo de mudança de cultura formativa, promovendo mais escuta e observação do que respostas prontas, que limitam o exercício do pensamento de quem participa. Alguns professores, ao narrarem suas práticas, estão implicados no que fazem, mas, quando suas narrativas retornam ao grupo para serem explicadas, voltam-se ao pesquisador da universidade para que este se posicione, ou seja, quando não conseguem achar uma possibilidade que pareça resolver a questão em análise, recorrem ao pesquisador. Em cada encontro, no entanto, reforçamos nossa posição de quem faz perguntas, intervenções e observações, de quem chama para o exercício do pensamento e desafia para outros modos de ver e pensar. Então, um desafio é lançado: no intervalo entre os encontros, os professores devem pensar na questão não resolvida, que será tema de um encontro posterior. Juntos, eles buscam caminhos e possibilidades, pelo estudo e pela coformação, em trabalho coletivo colaborativo; assim, nossa intervenção vai se gestando com cada grupo de modo muito singular. Após esta apresentação do que é feito no laboratório e de alguns dados preliminares, é possível considerar que a formação como processo (de)formação precisa estar alicerçada no respeito pelas práticas pedagógicas desenvolvidas por professores da escola pública. As práticas (de)formação envolvem expor-se, posicionar-se, mas também revisar as verdades desde sempre exercidas que produzem sua docência atual. Esperamos que tanto o processo

vivenciado por cada professor nas experimentações quanto os conhecimentos elaborados e revisados no laboratório tenham impacto em cada escola e, especialmente, nos professores em processo de (de)formação que passam a viver a autoria docente.

Referências

GARCÍA, Carlos M. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999. (Coleção Ciências da Educação – século XXI).

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NÓVOA, António. **Concepções e práticas da formação contínua de professores.** In: Tavares. J. (cords.) Realidades e perspectivas – Formação contínua de professores. 1991.